Entrevista de Marcelo Schellini (*) com Marco Buti

1. A palavra universidade parece denotar um sentido de acesso universal ao conhecimento, uma ideia de totalidade que pressupõe a consolidação de um lugar físico, uma instituição que propõe abranger os múltiplos saberes e ramos do conhecimento. Atualmente, o ensino das artes está presente nas principais universidades do mundo. Segundo sua experiência, como o ensino das artes foi inserido na universidade? Como você considera que a arte tem coexistido com outros ramos do conhecimento nas instituições acadêmicas?

Terá sido de fato inserido? Ou melhor, foi inserido o ensino, mas não a arte. A Academia de Belas Artes, com seus muitos problemas, tinha a arte como centro, o ensino era estruturado pensando nas suas peculiaridades, por pessoas que as conheciam. Na Universidade aconteceu uma adaptação, muitas vezes canhestra, aos princípios científicos considerados válidos, em normas acadêmicas gerais, elaboradas por pessoas ignorantes em arte. Ainda existem restrições às ciências humanas, por parte de membros das exatas. Que dizer então da arte?

Para ficar claro: só estou me referindo à tentativa de realizar uma obra “artística”, não à Teoria, Crítica e História da Arte. Nada tem sentido sem essa tentativa fundamental, que não tem garantia, justificativa ou metodologia aplicável como norma geral.

Uma grande conquista foi a aceitação do trabalho artístico como equivalente a mestrado e doutorado, não sem oposição interna e uma tendência permanente à burocratização, como a aplicação de metodologias e obrigatoriedade de um texto acadêmico, dobrando o trabalho, como se a arte não tivesse autonomia enquanto conhecimento.

2. Segundo Nikolaus Pevsner (1973), a ideia moderna de uma escola de arte começou na tradição ocidental somente depois no século XVI. Ele descreve como a *Accademia del Disegno* renascentista vai se desenvolvendo gradualmente durante os séculos, alterando seu caráter original por meio de uma sistematização, ou ainda academização durante o iluminismo. É certo que desde este trabalho historiográfico até os nossos dias muita coisa mudou. Ainda assim, quanto a história influencia a situação atual das artes na universidade?

A fundação da Academia reflete a vontade de uma formação mais intelectualizada aos artistas, que tinham conseguido se separar do artesanato, pretendendo ascender às artes liberais. A sociedade europeia da época era

constituída por uma vasta maioria de analfabetos, e o conhecimento reconhecido como intelectual só poderia ter como modelo a cultura letrada das restritas elites. As operações materiais indispensáveis às Artes Visuais denunciavam a herança artesanal. É notável constatar como os próprios artistas se esforçaram para tentar aproximar suas atividades da teoria, sempre mais prestigiada. “La pittura é cosa mentale” talvez seja sua expressão mais famosa.

Herança da Academia também é uma História da Arte focada nas Artes Maiores – Pintura e Escultura principalmente, a Arquitetura tem sua própria escola - e a concepção de espaço expositivo reduzido a galeria e museu. A obra multiplicável e circulante mal é percebida e tratada no mesmo nível, a não ser em poucos cursos de gravura e fotografia que não seguem os padrões convencionais.

Isso continua na Universidade. A herança da Academia de Belas Artes, instituição da qual se procura fugir, pelo menos no discurso, se mistura com a adaptação aos padrões científicos a que já me referi. É muito difícil tratar Prática/Teoria como um único conhecimento, sem hierarquias. Há uma ideia estabelecida de que a Teoria antecede e embasa a Prática, totalmente falsa, desmentida pela realização artística. Não há maneira fixa e modelar de trabalhar com arte.

Além da influência histórica, existe a influência da arte hegemônica contemporânea e suas Artes Maiores, cada vez mais dirigida ao espetáculo e ao mercado. Não é papel da Universidade, principalmente a pública, simplesmente repetir o estabelecido no circuito artístico, e estruturar seus estudos e cursos segundo os modelos predominantes. Deve-se manter uma atitude crítica, buscando a autonomia de pensamento de professores e alunos em formação.

3. Qual seria o conhecimento específico da arte? De que se trata a pesquisa em arte?

Tentando responder primeiro à segunda parte, creio que a pesquisa em arte é a própria arte, esquecendo a inaplicável noção de “objeto de estudos”.

Considerando a difícil definição de arte, qual seria seu conhecimento específico? Talvez a capacidade de criar um significado poético através da organização dirigida de ações, materiais e técnicas, ou seja, desenho. Sem esquecer do acaso e do improvisado. Envolvendo desde a materialidade mais acentuada e pesada, passando pelo próprio corpo, até um mínimo, onde materiais e técnicas não se distinguem dos

usados na escrita: papel, pena, lápis, computador, celular. Mas nada disso é comprovável empiricamente, nem teria sentido ser repetido por outros, produzindo os mesmos resultados, como se exige nas ciências.

4. A prática parece ser imprescindível para o processo de criação, assim como para o ensino da arte. No entanto, o meio acadêmico supervaloriza a produção teórica. Existe aí uma fratura entre a prática e a teoria, entre a mão e a mente? Estaria na separação entre o manual e o intelectual aquilo que possivelmente resulta na menor valorização da arte no meio acadêmico?

Vejo que já comecei a responder esta pergunta nas anteriores. Talvez seja a questão fulcral. Tem raízes distantes. Na minha opinião, aristocráticas. Sempre se desprezou o trabalho manual, destinado a escravizados, e, quando muito, artesãos. A Universidade começou continuando a tradição do *Trivium* e do *Quadrivium*, proveniente da antiguidade clássica ocidental. Seriam as Artes Liberais, baseadas na palavra e no número, gerando um conhecimento que tornaria o homem livre, ao contrário da servidão material vista como atributo inevitável das chamadas Artes Mecânicas. Sinto isso muito presente na Universidade hoje, chegando até ao desconforto, visível pela expressão corporal, nas raríssimas vezes em que um professor exclusivamente teórico entra numa oficina. E a enorme ignorância em relação às técnicas indispensáveis para realizar *um certo* trabalho artístico. Só é possível compreender de fato o papel das técnicas ao se colocar a questão concreta e pessoal desta realização, a serviço de algo imaterial e visual, que não é necessariamente um projeto. Tudo é usado em função deste anseio, e só serve para isso: a técnica torna-se linguagem poética, se for usada com a necessária precisão. Deixa de ser o que era concebido como Artes Mecânicas, que também são um conhecimento absolutamente indispensável para a vida humana, a ser respeitado.

5. Em geral, os meios acadêmicos parecem legitimar e dar preferência a certos formatos. Por exemplo, um artigo indexado contará mais pontos na avaliação de um docente que uma exposição, um concerto musical ou uma performance. Como Larrosa (2003) colocou, a dominância do formato científico positivista levou ao desuso de outras formas de textos como epístolas morais, diálogos filosóficos, confissões, ensaios e outros gêneros. Como essa questão afeta a pesquisa em artes?

Essa questão também remete às anteriores. Tudo é pensado baseado nas ciências exatas e tecnologia, que, não esqueçamos, fundamentam mais diretamente o lucro e a riqueza privadas, juntamente

com a economia. Nas décadas neoliberais isso se acentuou, invadindo cada vez mais a Universidade Pública, não sem a anuência de amplas áreas acadêmicas. O trabalho artístico tende a ser subavaliado em relação a publicações, palestras, cursos. Aplicam-se indicadores industriais de avaliação, que não passam de contabilidade, pretendendo avaliar qualitativamente. Troca-se o impossível, que seria avaliar cada trabalho artístico presencialmente, pelo absurdo.

Acontece que salvo as exceções, que certamente existem, os cientistas são ignorantes em artes, e vice-versa. Mas o padrão dominante é científico, acredita-se que o método científico é de aplicação universal, como já ouvi um vice-reitor dizer. Portanto as artes devem apenas se adaptar a uma forma de pensamento que não as contempla. Mas o que me espanta mais é a docilidade da maioria dos artistas na Universidade ao aceitar esses parâmetros inadequados, sem propor as possíveis soluções provenientes do conhecimento artístico.

Essa questão afeta a pesquisa em artes transformando em pesquisa o que seria simplesmente arte, exigente por natureza, e que não precisa operar com metodologias e justificativas para realizar sua poética. Novamente ressaltando muitas exceções, a aparência de pesquisa pode acabar mascarando trabalhos artísticos frágeis, talvez de futuros professores, que dificilmente irão contribuir para uma inserção efetiva da arte na Universidade.

6. Como a questão do texto versus imagem se coloca aí? Na pesquisa em artes visuais, podemos falar de uma autonomia da imagem?

Temos de falar na autonomia da imagem, mas eu não colocaria imagem e texto em oposição. Primeiro, literatura e poesia também são arte, e costumam enfrentar problemas semelhantes nos cursos de letras, onde a teoria igualmente predomina. Em nenhuma modalidade artística existiria uma uniformidade de procedimentos, se não fosse externamente imposta, como na Academia de Belas Artes. Não há um modelo fixo de artista, as concepções de arte não são nítidas e absolutas, não há uma definição possível e amplamente aceita. Penso que o mais inteligente seria aceitar os caminhos próprios de cada artista, que vejo como um direito. Exigir formas fixas facilita a mediocridade, e sua inserção no mundo acadêmico. Grande número de artistas trabalha simultaneamente imagem e texto. Talvez o exemplo mais conhecido seja Leonardo da Vinci, mas seria absurdo exigir de todos o mesmo modo de se manifestar. Há quem parte de projetos, quem não separa projeto ou esboço de realização final, quem escreve após realizar o

trabalho, quem extrai o projeto de uma série de tentativas sem rumo, enfim: fixar isso é cair no academismo no pior sentido.

A ausência de texto não pode ser vista necessariamente como preguiça ou incapacidade: pode ser uma opção artística precisa e exigente, julgando o silêncio mais significativo. Os problemas são criados pela imposição de modelos de texto a *priori*, muitas vezes absurdos quando aplicados às Artes Visuais. Seria muito melhor deixar em aberto, desde um trabalho totalmente visual, ou acompanhado por textos com a forma mais adequada para cada trabalho, até a possibilidade de um trabalho totalmente teórico realizado por artista, aí sim, respeitando as normas acadêmicas.

7. Qual seria uma possível solução para uma revalorização do ensino da arte na universidade?

Considero muito difícil uma mudança decisiva. Geralmente, trata-se de uma única escola dedicada às artes no vasto conjunto científico da Universidade. Se houver uma solução, deveria chegar nos níveis mais altos da hierarquia universitária, mas partindo dos departamentos e das escolas de arte, começando com um consenso que não existe. Nunca houve, que eu saiba, uma discussão séria nos níveis hierárquicos mais altos sobre a presença da arte na Universidade. É preciso dizer que não se tem visto o devido interesse nos próprios departamentos de artes, e também a virtual impossibilidade de levar adiante uma discussão dessas em meio às crescentes tarefas burocráticas, sem prejudicar a formação dos alunos.

Minha posição faz parte de uma discordância minoritária, mas ficou clara em todos os concursos prestados na carreira acadêmica. Não devemos esperar mudanças oficiais para nos comportar como artistas na Universidade. Acho espantosa a pouca iniciativa em apresentar a arte respeitando suas características frente à Academia. *Seria possível*. Desde a década de 70 vem aparecendo na Universidade de São Paulo mestrados, doutorados, livres docências e titularidades fora dos padrões acadêmicos, aprovados pelas bancas examinadoras. Isso significa que existem discordâncias permanentes. Porque não são mais numerosas?

(*) Marcelo Schellini, docente da Faculdade de Artes e Ciências Sociais, Universiti Brunei Darussalam.